

## O ENSINO DE GRAMÁTICA: O PERCURSO DE UMA REPETIÇÃO

CONTRI, Andréia Mainardi<sup>1</sup>;BRUTTI, Elizane Aparecida<sup>2</sup>;LINCK, M. D. Ieda<sup>3</sup>.

**Palavras-chave:** Advérbio. Gramática. Livro didático. Ensino.

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o ensino de língua portuguesa, mais especificamente no que tange à morfologia. Para tanto, iniciamos o trabalho analisando o conceito e a classificação do advérbio por gramáticos renomados, observando como se dá a transposição dessa teoria para os livros didáticos, adotados nos últimos anos. Verificamos como esses materiais estão apresentando esta classe em seus modos de usos e funções na língua. Trazemos inicialmente alguns fragmentos das definições de advérbio encontradas em Bechara (1999), Almeida (2005) e Cunha (1982). Pode-se observar que os autores citados acima fazem em suas gramáticas três definições diferentes para o advérbio, como palavra ou expressão modificadora do verbo, palavras que se juntam a verbos e expressões modificadoras de verbo, gerando sentidos diferenciados sobre qual, como seja nomenclatura que realmente pudesse dar conta. Ao nos reportarmos ao livro didático, observamos que novamente em três livros de autores diferentes, três definições são apresentadas para o advérbio. Além de serem superficiais somente com a definição básica, com frases isoladas e vocabulário não condizente com a realidade e idade do aluno, caracterizam um trabalho sem a perspectiva de uso da língua e suas funcionalidades. Outro ponto observado é que em dois aparecem o trabalho com gênero textual em forma de “tirinhas” que de maneira sucinta tentam demonstrar o uso do advérbio na língua e que por consequência da superficialidade acaba não contribuindo para o entendimento do mesmo. Muda o gênero textual, mas que o se consegue é apenas substituir uma classificação por outra. Embora seja um suporte, o livro didático acaba se transformando no único local de pesquisa do professor e pela falta de conhecimento de uma boa gramática e estudos mais aprofundados o trabalho fica superficial e o aprendizado do aluno pior ainda. Desde 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem discussões sobre o ensino de gramática, questionando a situação de como, para que e para quem ensiná-la. Até o momento é possível afirmar que enquanto não existir um desprendimento por parte do professor da incessante tarefa de ensinar nomenclatura, classificação, não será possível mudar dados que tristemente são constatados em exames do Enem e outros. Se assim continuar, os alunos chegarão ao nível superior com erros básicos por não terem clareza tanto dos processos de escrita quanto de situações de fala. É preciso repensar o ensino de língua a fim de possibilitar aos alunos um conhecimento que signifique, com produção de sentido no seu cotidiano.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras/Espanhol da Universidade de Cruz Alta – RS. [deiamainardi@bol.com.br](mailto:deiamainardi@bol.com.br)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras/Espanhol da Universidade de Cruz Alta – RS. [elizane.brutti@hotmail.com](mailto:elizane.brutti@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora. Professora da Unicruz. Doutoranda em Linguística pela UFSM. Mestre em Linguística pela UPF. Bolsista CAPES/PARFOR. [imdlinck@gmail.com](mailto:imdlinck@gmail.com)